Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

FOLIE À DEUX NA RELAÇÃO MÃE-FILHA: QUESTÕES DA CLÍNICA E POLÍTICA DO PSICANALISTA

Mauro Mendes Dias – mauro.m.dias@uol.com.br

Resumo: Este artigo, decorrente do Seminário "Fundamentos da clínica do psicanalista, pelas psicoses," reaborda a história do caso das irmãs Papin e de Aimée, valendo-se de textos e pesquisas não apenas de Lacan, portanto incluindo a influência da terceira irmã Papin. Reconhece-se que a *folie à deux* se mantém como uma referência necessária para o entendimento da dinâmica da paranoia se situada na relação mãe-filha, enquanto não apenas dual, e enquanto o terreno sob o qual a *folie à deux* atinge o seu ápice.

Palavras-chave: nome; paranoia; psicose; psiquiatria; relação mãe-filha.

São Paulo
2023

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

FOLIE À DEUX IN THE MOTHER-DAUGHTER RELATIONSHIP: QUESTIONS OF THE PSYCHOANALYST'S CLINIC AND POLICY

Mauro Mendes Dias – mauro.m.dias@uol.com.br

Abstract: This article, resulting from the Seminar "Fundamentals of the psychoanalyst's clinic, through psychoses", re-addresses the history of the case of the Papin sisters and Aimée, using texts and research not only by Lacan, therefore including the influence of the third Papin sister. It is recognized that the *folie à deux* remains a necessary reference for understanding the dynamics of paranoia if located in the mother-daughter relationship, whilst not only a dual one, and as the terrain under which the *folie à deux* reaches its peak.

Keywords: mother-daughter relationship; name; paranoia; psychiatry; psychosis.

São Paulo
2023

F*olie à deux na relação mãe-filha: questões da clínica e política do psicanalista*

Introdução

O surgimento dessa temática se deu no percurso de elaboração das questões que vêm sendo tratadas no Seminário "Fundamentos da clínica do psicanalista, pelas psicoses" [1], dando origem, também, a uma Jornada de trabalho[2]. Ao retomar o caso Aimée (LACAN, 1932a), assim como o das irmãs Papin (LACAN, 1932b/2011), reconhece-se que a *folie à deux* se mantém como uma referência necessária para o entendimento da dinâmica da paranoia. Isso porque, diferentemente da tradição psiquiátrica, a *folie à deux*[3] não é somente a expressão de uma intensa carga de sugestão realizada por uma personalidade mais forte, em face de uma outra mais débil, que compõe com a primeira um "casal psicológico"[4]. Mais do que isso, a *folie à deux* conquista sua inteligibilidade quando situada desde a relação mãe-filha, onde merece ser investigada sua complexidade e determinação. Significa afirmar, por exemplo, que não é somente por se apresentarem como um casal siamês que as irmãs Papin legitimam a aplicação do diagnóstico de *folie à deux*. Tampouco o que decide por essa denominação se encontra referido a uma posição mais dominante de Christine Papin sobre Léa Papin.

Ao retomar a história do caso, valendo-nos de textos e pesquisas que não foram utilizadas por Lacan como os de Allouch, 1983, 1997; Houdyer, 1988; Mattoni, 2003; Nasio, 2001, Peretti, 1993; Ponge, 1984; Porge, 1982, 1993; e Roudinesco, (1994), mas que encontram no artigo "Motivos do crime paranoico: o crime das Irmãs Papin" (LACAN, 1932/2011a) sua referência primeira, podemos constatar que, em primeiro lugar, as irmãs Papin não são somente duas, mas, sim, três. Essa terceira, Emilia, que cumpre no caso uma função decisiva, não somente não foi privilegiada na explicação de Lacan, foi também colocada fora de operação na

---

[1]. Seminário realizado por Mauro Mendes Dias. Teve início em julho de 2009, em continuação; aconteceu por alguns anos uma vez por mês, em São Paulo, no Centro Clínico Pinheiros, das 10 às 13 h

[2] Jornada de trabalho promovida pelo Seminário, cujo título é: "*Folie à deux* na relação mãe-filha", realizada nos dias 20 e 21 de maio de 2011. Contou com a presença de 8 conferencistas e 8 debatedores.

[3] O conceito de *folie à deux* foi introduzido na Psiquiatria por Lasègue e Falret (1877). "Essa condição se caracteriza pela transferência de delírios de uma pessoa para outra. Em sua forma mais comum, o indivíduo que começa a ter os delírios (o caso primário) costuma manifestar uma doença crônica e em geral é o membro mais influente de uma relação íntima com uma pessoa mais sugestionável (o caso secundário) que também desenvolve os delírios. A ocorrência do delírio é atribuída à influência do membro mais dominante" (p.405). Na atualidade, a *folie à deux* é também nomeada como transtorno psicótico compartilhado, transtorno psicótico induzido ou insanidade dupla. cf. *Kaplan & Sadock Compendio de Psiquiatria*, 9ª edição. Ed Artmed.

[4] Expressão cunhada pelo Dr Logre, "clínico magistral", que realizou uma avaliação das irmãs Papin, discordante da dos psiquiatras e dos juízes que as condenaram à prisão. Ele mostrou que as duas padeciam de uma "anomalia mental", cf. *Motivos do crime paranóico: o crime das irmãs Papin*, (1932b) p. 383. São Paulo: Forense Universitária.

abordagem do referido artigo. Se ela tem um papel tão determinante, é mesmo porque ingressou numa ordem religiosa, a do Bom Pastor, desde muito cedo, aos nove anos, em seguida a sua violação sexual pelo pai. Esse ingresso, de caráter definitivo, vai cumprir a função de permitir encontrarnesse novo lugar Outras irmãs (as de fé), Outro Pai (Deus) e Outra mãe (Madre superiora). Por extensão, ela conquista um Outro nome, aquele que passará a ser o seu, a ser escolhido entre os nomes das irmãs que desempenharam uma função na história da Ordem. Esse novo nome próprio é o que a enlaça numa Outra posição diante de sua história. Enoda os três elementos (irmãs de fé, Deus Pai e Madre superiora) conferindo uma nova filiação. Essa filiação de agora se apresenta como necessária para um sujeito que, ao ser violada sexualmente pelo próprio pai, perde a condição de filha, assim como a referência do pai, pelo simbólico. Trata-se de alguém que padece de uma falha na nominação, entendendo essa última como uma operação que "designa um objeto na sua particularidade" (BRAUNSTEIN, 1997, p.73). Se aqui se afirma que Emilia vai ter um papel decisivo para suas duas outras irmãs, Christine e Lèa, é mesmo porque ela indica uma possibilidade de saída para a condição de filha de uma mãe delirante ao introduzir em sua vida um Outro estatuto da maternidade, da paternidade e da irmandade. Clémence Derée, sua mãe, considerava que suas filhas, assim como seu marido, deveriam se dedicar a mantê-la sem que ela mesma precisasse desempenhar qualquer atividade, ou seja, não somente as filhas e o marido tinham o mesmo lugar, mas também, enquanto filhas dessa mãe, elas encontravam, de fato, apenas a função de serem empregadas, entendendo que, para essa mãe, era insuportável ter de se haver com qualquer manifestação da criança que a empregasse na função materna, como, por exemplo, o choro de suas filhas. Não por acaso, Christine Papin vai optar por passar um longo tempo em companhia de sua irmã na Ordem religiosa, experimentando a condição de ser irmã de Emilia, ao lado de suas outras irmãs de fé, as quais se empregam numa Outra causa, que é aquela de devoção a Deus e não de empregada do desejo materno. Essa experiência vai imprimir em Christine um traço tão significativo, a ponto de levá-la a recriar, na casa dos Lancelin, local do crime, o mesmo ambiente de silêncio e clausura no quarto em que divide a cama com sua irmã Lea, o voto de recusa aos interesses mundanos, típico da devoção incondicional à fé religiosa.

A releitura do caso das irmãs Papin, assim como de outros, se deu e se dá no quadro de retomada de Lacan com Lacan, mantendo assim sua condição de "ser freudiano"(LACAN, agosto de 1980), no Seminário de Caracas, entendendo que é desde os casos e a sua teorização que podemos recolher alguns dos efeitos do encontro de Lacan com as psicoses, promovendo questões para a clínica do psicanalista. Tais efeitos, que partem do reconhecimento de sua paciente Aimée como porta de entrada para a Psicanálise, condicionaram a retomada da

paranoia, pela *folie à deux*. Permitindo ressaltar, por exemplo, a não inclusão de Emilia Papin, por Lacan, o que levou a reconhecer, também, que o nome Émile é um dos nomes próprios que Lacan retira de seu próprio nome (Jacques Marie Émile Lacan), ao assinar, após a Tese sobre paranoia.

A problemática do nome próprio vai encontrar lugar na *folie à deux*, seja como empuxo à reinvenção, em Emilia Papin, seja na condição de quase apagamento pelo Outro, em Léa Papin diante de Christine Papin, seja pela retirada de um nome, em Jacques Lacan.

O primeiro ponto que se pode constatar é que a *folie à deux* não envolve somente dois elementos, desde a Psicanálise. Isso porque, retomando o caso das irmãs Papin, por exemplo, há a presença de Emilia e da mãe, enquanto termos constituintes do laço entre Christine e Léa. Da mesma forma, a problemática de Aimée não se encerra na relação com a irmã, mas, sim, com a presença da mãe e da atriz de teatro, a quem tenta destruir.

Se a relação com a mãe é indicada como termo de referência para a *folie à deux*, é mesmo porque, na relação com ela, constata-se que a filha se encontra na dependência do tipo de relação que a mãe mantém com o Outro, enquanto lugar do desejo, para ter condições de advir, ou não, como mulher. Ou seja, a depender da referência da mãe ao lugar do terceiro enquanto Lei, a filha poderá, ou não, se separar dela, entendendo que o tipo de não separação experimentada na *folie à deux* se encontra referida na presença da foraclusão do Nome do Pai no discurso da mãe. A não separação da filha com a mãe não é uma condição inabalável. O que não significa que suas consequências possam ser inteiramente retificadas. É o que nos mostram Aimée e as irmãs Papin. Cada uma delas vai procurar, a seu modo, empreender essa separação que não pode ser realizada pelo simbólico, no real, por via de uma passagem ao ato [5]. Fica por ser articulado se essa separação com a mãe pelo real franqueia, ou não, o acesso da filha ao gozo feminino, ou ainda se os efeitos da passagem ao ato, em si mesmos, podem ser contabilizados como acesso a um Outro tipo de gozo, a ser esclarecido, já que agora nãohá mais somente Um.

Se a *folie à deux* pode ser indicada como célula elementar desde onde a paranoia se articula, é mesmo porque nela, *folie à deux*, encontramos realizada uma das condições que

[5] O conceito de "passagem ao ato" foi apresentado e distinguido do de "acting out", por Lacan, nas lições dos dias 16 de janeiro de 1963, 23 de janeiro de 1963, 20 de março de 1963 e 26 de junho de 1963, no Seminário "A angústia". Deve-se notar, contudo, que a passagem ao ato na psicose foi abordada por ele, sem entrar em distinções conceituais, quando analisou a tentativa de assassinato realizada por sua paciente Aimée, assim como no artigo sobre o crime das irmãs Papin. A passagem ao ato na psicose, como crime, foi articulado, com extensão, no livro "As relações entre psicose e periculosidade:contribuições clínicas da concepção psicanalítica da passagem ao ato", de Maria Cristina Bechelany Dutra, Ed. AnnaBlume, 2002.

definem a psicose paranoica para Lacan, qual seja, a do "gozo no lugar do Outro" (LACAN, 1966/2003, p.221). Ou ainda, na paranoia, de acordo com a montagem da *folie à deux*, encontramos uma "estase do ser, numa identificação ideal que caracteriza esse ponto de um destino particular"(LACAN, 1946/1998). Por isso mesmo, o sujeito vai dar o testemunho desse ser que fala nele, como se fosse ele mesmo. Daí que os depoimentos de Christine e Léa Papin, após serem presas, mantidas em celas separadas, sejam coincidentes em todos os detalhes, chegando a despertar o interesse dos magistrados em relação a essa condição de eficácia da especularidade, elevada à sua máxima potência. Da mesma forma, era impossível para Aimée se dar conta de que sua missão de vida em se tornar escritora mantinha estreita relação com a falha de sua mãe, delirante, analfabeta, que lia cartas em voz alta de cabeça para baixo.

O que aqui se insiste é que não somente a *folie à deux* é um termo de referência privilegiado para articular a questão da paranoia. Mais do que isso, trata-se de incluir a relação mãe-filha enquanto o terreno sob o qual a *folie à deux* atinge o seu ápice. Sendo assim, a relação mãe-filha introduz uma problemática que se refere à possibilidade de a mãe reviver, através da filha, a relação com sua própria mãe. Entendendo que tal revivescência diz respeito às condições que ela, agora mãe, faz agir, de forma a ter acesso, ou não, a um outro tipo de gozo que não seja somente o materno. Nesse sentido, a relação mãe-filha interroga a mãe até que ponto ela avançou em sua insistência com o desejo, de maneira a ter podido inventar condições de gozo, lá onde a posição feminina padece de identidade. Se a relação mãe-filha é tão problemática, é mesmo porque cada mulher vai ter de se haver com as diferentes saídas para um impasse que é duplo. O primeiro se refere à impossibilidade da relação sexual. O segundo se apresenta pela falta de uma identidade feminina. O que recolhemos na *folie à deux*, no quadro da relação mãe-filha, é que o impasse se desfaz pelo que a relação sexual passa a ser possível mediante a tipicidade do casal que se forma marcado pela não separação da filha com a mãe. Por isso mesmo, pode-se refazer com um Outro posição idêntica que foi estruturada na relação com a mãe. No caso de Aimée, por exemplo, ela não ficou impedida de se casar com um homem e de ter um filho com ele; contudo, a causa que a anima é Outra, qual seja, a de se tornar escritora para fazer suplência ao que se mantém falho na mãe.

É preciso distinguir, também, o laço com a mãe, denominado *folie à deux*, marcado pela foraclusão de um outro, no qual o aprisionamento se realiza segundo o que se intitulou de "loucura materna". Nesse caso, deparamo-nos com um "avatar do amor materno" (CHAUMON, 2006), entendendo com isso que é a mãe que rateia na separação com a filha ou o filho. Nesse particular, que não é o da psicose, o aprisionamento da mãe se deve a um ponto de estagnação que deve ser situado em função da teoria sexual infantil dela, mãe, que não

permite o surgimento de uma suposição de saber no filho, deixando- o, portanto, a reboque de suas decisões.

> A loucura materna é a fixação – por sua vez dolorosa e prazerosa segundo a lógica fetichista – nesse momento do circuito pulsional que precedeu a derrota do amor. Ela testemunha o tempo anterior e protesta através delecontra a realidade desse amor, p.166).

Ainda que as manifestações da relação mãe-filha possam atingir o máximo de tensão, no caso da loucura materna, por exemplo, é verdade que sua distinção com a *folie à deux* é da mesma ordem pela qual somos concernidos a diferenciar os curtos-circuitos que tendem à metonimização incessante daqueles que se referem a elementos simbólicos passíveis de simbolização. Por isso mesmo, uma retomada da distinção entre histeria e psicose se mostrou necessária, de maneira a contar com recursos que permitissem discernir o que se liga aos significantes latentes daquilo que não remete a uma outra significação. Esse trabalho, em curso no Seminário[6], partiu do princípio de que há uma tendência, na Psicanálise, de se valer dos mesmos significantes da Psiquiatria para nomear os tipos clínicos. Isso leva a um esquecimento de que aquilo que a Psiquiatria nomeia como psicose, hoje, em muitas ocasiões é um caso de histeria. Ocorre que, para ter condições de estabelecer essas diferenças, faz-se necessário resgatar o conceito de loucura histérica, utilizado impropriamente, a nosso ver, como psicose histérica, já que é aí, nesses casos de histeria, que ela é confundida com a psicose. Mais do que revelar que a loucura histérica é tão somente um caso de histeria, como se se tratasse de algo facilmente distinguível, trata-se de mostrar que, em face dos diferentes apelos para a internação, ou medicação, de um filho ou uma filha, podem-se reunir condições de manejar com essa demanda, de uma maneira que não silencie o sujeito do desejo. Tal posição privilegia conduções diferenciadas do tratamento psicanalítico, visando a que a complexidade do quadro clínico não seja encerrado nas exacerbações de sua fenomenologia.

Partindo do princípio de que na loucura materna é a questão da mãe que retorna na problemática do(a) filho(a), a ponto de que ela tende a querer falar no lugar onde o filho é chamado, cria-se uma dificuldade de manejo para o analista, de saber se se trata de uma

[6] A abordagem das diferenças necessárias de serem articuladas entre a Psicanálise e a Psiquiatria, iniciou-se no Seminário de 2003, "Neuroses e depressão", realizado e publicado pelo Instituto de Psiquiatria de Campinas. No Seminário "Fundamentos da clínica do psicanalista, pelas psicoses", procurei mostrar que não é possível prosseguir numa abordagem das psicoses sem uma retomada da Psiquiatria. Isso porque é avassaladora a utilização crítica dos conceitos psiquiátricos pela clínica psicanalítica, como se se tratasse de uma mesma clínica, ou ainda como se a última palavra da Psicanálise se apoiasse na fenomenologia. O trabalho levado adiante por Jean Claude MALEVAL, em particular no livro *Locuras histericas y psicosis disociativa*s, Buenos Aires: Paidos (1981/1991), tem servido como fonte de consulta permanente.

demanda que a mãe lhe endereça, enquanto tratamento dela mesma, ou se deve ser encaminhada para um outro lugar de acolhimento. Dependendo do tipo de abordagem que se pratique em relação à separação, pode-se incluir a mãe, entendendo que há uma demanda que vem dela como um pedido "demanda de acolhimento do que, para essa mulher, foi atado a seu filho em uma loucura"(CHAUMON, 2012, p.3). Em contrapartida, quando se elege a separação como uma máxima que deve ser realizada a qualquer custo, perde-se de vista não somente um manejo diferenciado nas situações em que o colamento da mãe se atualiza na ligação com o filho, mas, mais do que isso, o fato de haver separação espacial de Christine e Léa Papin, na casa dos Lancelin, em relação à sua mãe, não alterava significativamente a causa do que as mantinha ligadas. Isso nos interroga sobre o estatuto da separação na *folie à deux*, após a passagem ao ato, enquanto experiência que produz o desatamento de um laço. Diferentes desdobramentos se impõem de forma a situar, primeiramente, o laço da paranoia enquanto uma ligação que define a posição do sujeito numa condição reduzida de alternativas diferenciadoras. No entanto, como se pode constatar em Aimée e Léa Papin, a passagem ao ato introduz uma condição que permite ao sujeito recomeçar outras ligações. Ao que parece, um conjunto de pelo menos quatro elementos é responsável pela concepção de que a separação deve ser priorizada, sem antes discriminar o que e de que lado se realiza o empuxo ao colamento. Dentre eles:

1. Uma disponibilidade reduzida para lidar com a transferência materna.
2. Uma suposição de que a separação, enquanto sinônima de distanciamento, promove a liberdade do sujeito para fazer escolhas.
3. Um desconhecimento sistemático dos avatares do gozo materno como fator de determinação do desejo dos filhos, sejam meninos ou meninas.
4. Uma prevenção, a ser colocada do lado de uma resistência do psicanalista, quanto a considerar laços que tendem à infinitização, assim como de outros laços que se sobrepõem ao discurso psicanalítico, produzindo fracassos, a despeito de manejos bem calculados.

Pelo que vem sendo apresentado, a *folie à deux* permite apreender, no extremo, o efeito de uma fala que, estruturada segundo condições de elisão da castração, coloca em suspenso as possibilidades de advento de um sujeito, tal como habitualmente concebido desde a dialética do desejo. Por isso mesmo, ela define uma posição em que o sujeito, ao ser falado pelo Outro, sustenta sua existência movido por uma verdade que comparece nele como crença. Condição essa que, para um psicanalista, interroga a maneira pela qual ele concebe a interpretação.

Já que não se trata dos mesmos efeitos, tampouco da mesma concepção, quando se considera a suposição de saber, enquanto uma condição para o advento de uma palavra plena daquela que procura, pela condição de verdade atribuída à fala do psicanalista, definir uma posição de acordo ao que se afirma como adequado para tal sujeito. O fato de a relação analítica ser refratária, por sua estrutura assimétrica, a instalar uma condição semelhante à da *folie à deux*, não chega a impedir de considerar que o manejo do discurso pelo psicanalista, na interpretação, é responsável por modalidades diferenciadas da verdade. Seja no que se atualiza como divisão do sujeito, seja no que comparece como recobrimento dele através de um saber que vem do Outro.

Há uma dupla acepção da *folie à deux* na relação mãe-filha. A primeira se refere ao reconhecimento dela como núcleo a partir do qual a paranoia se estrutura, tendo como marcos referenciais os primeiros casos abordados por Jacques Lacan. A segunda acepção se refere à própria relação mãe-filha, enquanto marcada pela *folie à deux*, o que significa, nesse último caso, poder levar em consideração a advertência freudiana de que nem sempre é possível para uma mulher conseguir se desembaraçar da presença da mãe, fazendo da feminilidade uma condição de acesso não garantido (FREUD, 1932-33/1996). Seguindo essa linha de elaboração, Jacques Lacan vai nomear devastadores os efeitos da relação mãe-filha, assim como vai se valer desse mesmo significante para dizer da presença de um homem na vida de uma mulher [7].

De forma sumária, pode-se reconhecer que uma mulher só se estrutura como tal a partir de seu lugar de filha, primeiramente. Significa que a passagem de filha para mulher vai se estabelecer como um desdobramento a ser vivido do lado de um homem, quando ela chega a decidir escolher e consente em ser escolhida por um deles.

Diferentes questões se colocam em relação a esse ponto, a começar pela tomada em consideração, nem sempre ressaltada, de que, desde a Psicanálise, a relação mãe-filha não se confunde com a capacidade de estar grávida e ter um bebê. Mais além, tal relação deve ser colocada no quadro de uma presença mínima de três elementos. Isso porque, enquanto relação que excede a puericultura, ela se encontra na dependência daquilo que foi transmitido pela avó materna, enquanto termo do que vai permitir à filha franquear, ou não, o acesso da neta a um Outro gozo. Nesse sentido, o que se apresenta primeiramente como dual, mãe-filha, de fato conta com a participação de dois outros termos que a condicionam: a avó materna e a causa

[7] Desenvolvido por Lacan na lição do dia 11 de fevereiro de 1975, no Seminário RSI. Colette Soler estende um comentário sobre essas articulações no livro *O que Lacan dizia das mulheres*, em particular no capítulo intitulado "Por causa dos gozos". Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, pp.174-186.

do desejo. Nesse sentido, se não há transmissão de desejo simbolizante na *folie à deux*, o que vai se recolher na relação mãe-filha já não é mais o acesso à posição feminina, mas, sim, o emprego comprometido na falha da mãe. Permitindo afirmar, por exemplo, que, de fato, a relação mãe-filha só se realiza na loucura a dois, porque é aí que a relação entre elas se dá por inteiro, sem a presença do desejo que as separaria. Portanto, é na *folie à deux* mãe-filha que a representação habitual da mãe, como fonte de amor e cuidados, vai se ligar com o crime, enquanto modalidade da passagem ao ato que permite à filha se separar/distanciar dela, mãe. Tal perspectiva introduz uma causa para o ato criminoso que excede as chamadas causas sociais dele, assim como o positiva, desde a filha.

Ao retomar a paranoia, desde a *folie à deux*, não somente se esclarecem as condições desse laço, enquanto "gozo no lugar do Outro". Uma vez que se podem retomar os casos clínicos de Lacan, percebe-se, na diferença com Freud, a presença da loucura feminina como fundante do início de sua passagem para a Psicanálise. O que vai levar ao acompanhamento da relação mãe-filha, pela *folie à deux*, como termo de elaboração dos impasses e das invenções necessárias para o advento, ou não, de uma posição feminina. Fazendo convergir, pelos gozos, as elaborações concernentes à psicose e o feminino. Desde que se considere que, se existe A mulher na psicose, é mesmo porque uma mulher *não* tem lugar. Invertendo o dito freudiano, lá onde a psicose triunfa,uma mulher fracassa.

Quando se inclui a *folie à deux* na relação mãe-filha enquanto fundamentos para a clínica e política do psicanalista, é mesmo porque tal iniciativa tem como objetivo retomar a clínica do psicanalista, pelas psicoses.[8]

Ao preservar a denominação clínica do psicanalista, insiste-se na condição de essa clínica ser estruturada desde a presença do psicanalista na economia subjetiva do psicanalisante, ou seja, enquanto "metade do sintoma"(LACAN, 1975-76/2007) deste último. A condição de poder preservar a distinção do discurso psicanalítico se mantém na dependência de indicar o conceito de psicanalista marcado pela ausência de substância que preencheria seu vazio constitutivo. O que não impede que esse vazio, fonte de angústia, seja, ele mesmo, lugar de produção de um saber marcado pela pretensão de eliminar impasses, dúvidas, erros e hesitações. Quanto mais se avança nessa direção, mais nos aproximamos do laço proposto pela *folie à deux*, qual seja, o de que o sujeito se define por uma missão que vem do Outro. Uma

[8] As consequências dessa ligação também foram indicadas por L. Zolty, no livro *Os grandes casos de psicose*. In: Juan David Nasio (Org). Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar. 2001, pp.35-39. https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/J-.D.-Nasio-Os-Grandes-Casos-de-Psicose.pdf

vez assumida como própria, pela convicção que o acompanha, a causa do desejo é sempre a mesma, dele e do Outro. O problema que se coloca, a nosso ver, não é tanto o da afirmação de uma causa comum, mas, mais do que isso, quanto mais o sujeito se empenha em seus avanços, mais ele cola a causa do Outro no lugar de seu ideal, condição que adultera o entusiasmo em sacrifício. Diferentemente de Édipo, sua cegueira não lhe proporciona ir além do visível. Por isso mesmo, quando vier a claudicar, somente a destruição do Outro, atravésdas figuras que o atualizam, poderá servir como saída para o impasse do qual não possuialternativas.

Que a política do psicanalista, enquanto efeito de sua clínica, possa fazer constar uma alternativa que não se confunda com outros imperativos é o que se deve esperar de uma profissão que se pretende impossível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAUNSTEIN, N.A. La clinica en el nome próprio. In: M. Ascendio (org,) **El laberinto de las estructuras**. H. Mexico: Siglo ventiuno editores, 1997.

CHAUMON, F. Loucuras maternas. **Revista Literal da Escola de Psicanálise de Campinas: a criança e o infantil na clínica psicanalítica**, n. 9, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372012000200008#8

FREUD, S. (1933-32). Feminilidade. In: _____.O mal estar na civilização, novas conferências introdutórias sobre Psicanálise e outros textos**. Obras completas,** vol.18. Rio de Janeiro:Imago, 1996. pp.33-34.

LACAN, J. (agosto 1980). Sean ustedes lacanianos, si quieren. Yo soy freudiano". Seminário de Caracas. In: J. A. MILLER, **Escision, excomunion, disolucion: três momentos en la vida de Jacques Lacan**. Buenos Aires:Manantial, 1987.

_____. (1975-76). **O Seminário: livro 23: o Sinthoma**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar. 2007.

_____. (1966). Apresentação das Memórias de um doente dos nervos. In:_____. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003,p.221.

_____. (1932a). Exame clínico do caso Aimé. In: _____. **Da psicose paranóica em sua relação com a realidade**. (tese) doutorado em medicina. São Paulo: Forense Universitária, 2011, pp.147-202.

_____. (1932b). Motivos do crime paranóico: o crime das irmãs Papin. In:_____. **Da psicose paranóica em sua relação com a realidade.** São Paulo: Forense Universitária, 2011. pp. 381-390.

LASÈGUE, C.; FALRET, J. La folie à deux ou folie comuniquée. **Annales Médico-Psychologiques**, n. 18, p. 321-355, 1877.
Disponível em:
https://fr.wikisource.org/wiki/La_Folie_%C3%A0_deux_ou_folie_communiqu%C3%A9e

ROUDINESCO, E. Loucuras femininas. In:_____. **Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.